

LETRAS EM AÇÃO: AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO LETRAMENTO ESCOLAR

LETTERS IN ACTION: READING STRATEGIES IN SCHOOL LITERACY

Luciana Oliveira Atanásio[1]

RESUMO: Esse trabalho tem por objetivo apresentar as possíveis estratégias de leitura para uma aprendizagem eficaz na aquisição e compartilhamento do conhecimento a partir das propostas do letramento escolar vinculado às práticas socioculturais dos alunos. Essa temática surgiu de asserções feitas ao se observar aulas de Língua Portuguesa em duas turmas no Ensino Fundamental de uma escola pública. Ao se analisar as leituras feitas nas aulas suscitou-se questionamentos sobre a vinculação das leituras, interpretação e atividades de escrita aos sentidos atribuídos a esses momentos a partir da observância de mecanismos repetitivos e vazios de sentido para a prática social. Esse trabalho se torna relevante ao se pensar nos índices educacionais que demonstram a dificuldade da escola em elaborar estratégias de leitura que tragam significado à aprendizagem formal e proporcione ao educando não só a aquisição das habilidades de ler e escrever, mas utilização de meios para uma leitura eficaz e produtiva. O aporte teórico que compõe essa pesquisa traz contribuições de Soares (2001), Piletti (2003), Mortatti (2004), Street (2005), Cagliari (2010), entre outros. O percurso metodológico adotado foi a pesquisa qualitativa interpretativista por ser a mais adequada para responder aos questionamentos apresentados, fez-se um levamento bibliográfico para apresentar alguns conceitos e utilizou-se da observação participante nas turmas de Ensino Fundamental, nas quais utilizou-se instrumentos como entrevista semiestrutura e gravação para construir o corpus desse trabalho. Algumas das considerações apresentadas e que, mesmo que a escola seja lugar de reprodução dos ideais da elite dominante, é lugar também das manifestações culturais marginalizadas a partir da proposição de que o letramento escolar está vinculado à adoção de estratégias de leitura que levem o educando à atuação consciente nos espaços sociais.

Palavras-chave: Escolarização, Letramento, Interação.

ABSTRACT: This work has the objective to present possible reading strategies for effective learning in the acquisition and sharing of knowledge based on school literacy proposals linked to students' sociocultural practices. This thematic was raised assertions made when observing Portuguese language classes in two classes in elementary school at a public school. When analyzing the readings done in classes, questions were raised about the link between readings, interpretation and writing activities to the meanings attributed to these moments based on the observance of repetitive and meaningless mechanisms for social practice.The theoretical support that makes up this research brings contributions from Soares (2001), Piletti (2003), Mortatti (2004), Street (2005), Cagliari (2010), among others.The methodological path adopted

[1] Doutoranda em Linguística- UFPB. Mestra em Estudos de Linguagem- UFPI. Professora EBBT do IFMA. Gradada em Letras-Português-UESPI. Graduada em Peggogia-UEMA, luatanasio@gmail.com

was interpretive qualitative research as it was the most appropriate to answer the questions presented, a bibliographic survey was carried out to present some concepts and participant observation was used in Elementary School classes, in which instruments such as semi-structured interview and recording to build the corpus of this work. Some of the considerations presented are that, even though if the school is a place for the reproduction of the ideals of the dominant elite, it is also a place for marginalized cultural manifestations based on the proposition that school literacy is connected to the adoption of reading strategies that lead the student to conscious action in social spaces.

Keywords: Schooling, Literacy, Interaction.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o processo de leitura escrita é bastante complexo, a própria concepção de leitura vária de acordo com a teoria a qual se recorre, e ler se entende como algo que vai muito além de decifrar signos linguísticos. Ler é compreender e interpretar, pois o indivíduo quando lê precisa dá sentido a esses signos e construir os significados de acordo com sua experiência de mundo e seu repertório sociocultural.

Nessa perspectiva alia-se a leitura à cognição como relevante no processo de aprendizagem. As dificuldades em se ter acesso a livros, a falta de hábito de leitura, a desmotivação do aluno em ler e a inadequação de atividades nas aulas são apenas alguns problemas frequentes no cotidiano educacional.

Koch e Elias (2006) defendem uma concepção de leitura numa perspectiva interacionista em que a relação texto e sujeito é construída pela interação, pois o sentido do texto só existe dentro da relação com o outro e com o mundo. Sendo assim:

> A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (Koch; Elias, 2006, p.11)

Esse vasto conjunto de saberes se reporta ao letramento, na perspectiva de que o aluno chega à escola trazendo seu conhecimento de mundo, suas experiências e vivências extraescolares, que influenciarão a maneira como o falante se depara com o texto materializado. Mortatti (2004) afirma que leitura e escrita são bens culturais de uma sociedade letrada na medida

em que propicia aos cidadãos participação na cultura escrita, e por consequência, para se ter acesso aos bens culturais. No entanto ter acesso à escrita não é apenas manipular contextualmente o alfabeto, para dali extrair sentidos, tal processo estabelece e mostra relações que se constroem através da ativação de comportamentos e tomadas de posicionamento dos envolvidos nesse processo que circunda as relações, fazendo-se um vínculo com o que é estruturado e pré-estabelecido no convívio social.

Diante do exposto, esse trabalho objetiva apresentar as estratégias de leitura no processo de leitura a escrita no Letramento Escolar destacando os processos de aquisição dessas habilidades. Mesmo com os mecanismos de alfabetização e consequente aquisição de habilidades de leitura, escrita e interpretação, além de se ter acesso a essa cultura letrada - em âmbito social – não há uma vinculação direta entre isso e as práticas de leitura a escrita na sociedade. Dá mesma forma, saber ler e escrever não garante o sucesso escolar.

Durante muito tempo se vinculou a aquisição da leitura a escrita ao bom desempenho escolar, pessoal e profissional, as pessoas que não eram alfabetizadas eram tidas como ignorantes, e tendo uma cultura inferior. Essa visão perdurou durante muito tempo no ambiente escolar e na sociedade, até mesmo determinando como as pessoas eram todas e vistas em seu meio social. Com a configuração de um letramento que vai além da leitura e escrita, a partir de textos como o de Street (2005), Stubbs e Barton (1995), e Gee (2008) que questionam uma única maneira de se conceber a leitura a escrita na sociedade, um novo prisma para os aspectos de leitura a escrita e seus usos sociais se configuraram.

Há um imbricado na relação entre letramento, alfabetização e escolarização, que historicamente se estabeleceu com as mudanças sociais a partir do século XVI (Kleiman, 2008). Com as mudanças sociais da Era Moderna houve a necessidade de padronização de uma variante de linguagem, e com a emergência de escolas e a burocracia douta prevaleceu a educação escolarizada que ficou a serviço de reprodução dos ditames da elite. Isso influenciou a maneira de alfabetizar, os processos de leitura e as formas de escrita. Esse é um dos motivos dos alunos das camadas populares terem menos sucesso no seu desempenho escolar, a imposição de temas, conceitos e modos de aprender só afastam esses alunos dos percursos formativos formais.

Nessa perspectiva Soares (2001) e Tfouni (1994, 2010), mostram que a relação entre analfabetismo e letramento estão ligados à proporção que um indivíduo pode não ser alfabetizado, mas se inserir em situações que envolvem a leitura e a escrita. Sendo assim, o indivíduo letrado é aquele que mesmo não sendo alfabetizado está inserido na mesma cultura e possui mecanismos estratégicos próprios para fazer cálculos, ou decifrar letras e palavras para compreensão e utilização conforme a necessidade.

O letramento escolar então seria o uso das habilidades de leitura, escrita e interpretação vinculadas às práticas socioculturais colocadas em prática no processo ensino aprendizagem no ambiente escolar. Por conseguinte, ser letrado é muito mais que saber ler e escrever, é fazer uso consciente dessas habilidades para aquisição e uso do conhecimento formal.

Ler e escrever é diferente de se apropriar da leitura e a da escrita e fazer uso social e consciente desses mecanismos (Soares, 2001), por isso o letramento envolve as diversas práticas sociais de leitura e escrita.

Nessa perspectiva, esse texto apresenta essa relação e os caminhos que leitura, escrita e usos sociais, na perspectiva do letramento vinculado ao valor ou aos valores que os indivíduos compartilham sobre a língua na sociedade.

METODOLOGIA

Esse texto foi desenvolvido a partir do levantamento bibliográfico de textos que versam sobre a relação entre leitura, escrita e letramento, e tem caráter qualitativo-interpretativista. A pesquisa qualitativa desenvolveu muitos métodos de estudo e análise e surgiu para responder aos questionamentos que surgiram com o desenvolvimento de pesquisas que necessitam de uma interpretação que a pesquisa quantitativa não era capaz de responder análise pesquisa

Foley (1997) ao descrever os caminhos das pesquisas na área da antropologia e sociedade diz que o ser humano é capaz de construir e refletir sobre as práticas que são ideologicamente situadas. Assim, a pesquisa qualitativa tem a flexibilidade de análise sobre um dado tema, em um momento específico, considerando-se os aspectos sociais que fazem parte do contexto investigativo.

Assim, o paradigma interpretativista, se alia ao aspecto qualitativo para que o texto construído possa apresentar as impressões de quem o utiliza à medida que essa visão concebe que o mundo é construído através do discurso e das vivências dos indivíduos em seus aspectos mais ontológicos (Schwandt, 2006).

Para a construção das análises apresentadas, além do levantamento bibliográfico, apresenta-se as impressões observadas em duas turmas de Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Timon-MA. Os dados foram coletados através da observação participante com a inserção da pesquisadora na escola durante o período de um semestre letivo. E os instrumentos utilizados foram a gravação em áudio e vídeo, com autorização previa dos participantes, entrevistas semiestruturas e anotações das rotinas praticadas nas aulas.

Após esse percurso de pesquisa, forma analisados os processos de leitura a escrita na escola, as concepções adotadas, os mecanismos praticados, e sua vinculação com as propostas te letramento emancipatórias.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DISCUSSÃO

Por longo, estabeleceu-se a premissa de quem não sabe ler nem escrever é uma pessoa sem cultura. Essa ideia revela o preconceito linguístico ligado ao preconceito cultural que se estabelece nos contextos situacionais que destacam aspectos sociais estabelecidos na estruturação social e que engendra nuanças de bens culturais mais valorizados que outros, como se quem não detivesse os saberes institucionalizados de leitura e escrita tivessem dificuldades cognitivas.

Vê-se que os estudos em cognição estão ligados à psicologia, antropologia, filosofia da ciência, biologia, neurociência e outras disciplinas (Silva, 2004), incluindo-se a Linguística Cognitiva, que apresenta três princípios: primazia da semântica, natureza enciclopédica e perspectivista. (Silva, 2004). O que se pode depreender dessa relação com aos aspectos de leitura e escrita é que a cognição está relacionada com o processamento de informação.

Ao se relacionar os processos de informação, relaciona-se os tipos de leitores e consequentemente se verifica o grau de amadurecimento quanto à relação entre o que se lê e as informações obtidas através da leitura. Vê-se que os tipos de leitores, conforme Kato (1999), se comportam de acordo com o grau de maturidade e conhecimento em relação ao código escrito, e

tal grau se observa nos eventos e práticas de letramento, nos quais o que é depreendido depende da capacidade e competência cognitiva do leitor-ouvinte.

O conhecimento nasce da ação, portanto é necessário que o ambiente escolar estimule as práticas de leitura e de escrita, pois novos conhecimentos surgem e são adquiridos com novas experiências. No contexto escolar, a escola deve oferecer novas formas de leitura, abrindo caminhos para interação dos alunos permitindo que eles compartilhem seus conhecimentos.

O letramento vinculado a uma aprendizagem significativa conflui para que os alunos se interessem pela leitura na escola. E a diversidade de textos é necessária para que se desperte no educando a curiosidade de praticar a leitura a escrita.

Sabe-se, que no geral, o acesso à leitura e à escrita acontece na escola, nesse processo analisa-se que:

> [ ]... é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, ou seja, a alfabetização, quando o desenvolvimento para além dessa aprendizagem básica, das habilidades, conhecimentos e atividades necessários ao uso efetivo e competente a leitura e da escrita nas práticas socais que envolvem a língua escrita, ou seja o *letramento*" (Soares, 2004, p.89).

Ao observar as turmas de Ensino Fundamental numa escola na cidade de Timon, no Maranhão, pode-se compreender alguns aspectos ligados à aprendizagem escolar. Os textos lidos são aqueles dos livros didáticos, sobrando pouco espaço para a inserção de gêneros textuais diversos do que já consta nos manuais escolares.

Ao se olhar o panorama da alfabetização no Brasil, vê-se o esforço dos programas educacionais para que todos os indivíduos sejam matriculados na escola e aprendam a ler e escrever. A proposta de ampla escolarização da população teve em início com a LDB 4024/61 e foi ratificado na LDB 5692/71. A proposta de ampliação e universalização da educação formal foi confirmada na LDB 9394/96, mas muitos são os problemas relacionados ao acesso e à permanência do educando nesse percurso formativo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) garante a universalização da Educação Básica como um esforço para todos os indivíduos em idade escolar possam ter acesso à educação escolarizada (Brasil, 1997). Mesmo assim, o desafio à alfabetização ainda é uma constante, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 2019 54,8% dos alunos matriculados nas séries iniciais eram alfabetizadas, com a pandemia

esse percentual caiu para 49,4%. Esses dados são muito aquém do estabelecido pelo Plano Nacional de Educacao (PNE) que estabelece o objetivo de ter toda as crianças alfabetizadas no máximo até o 3% ano no Ensino Fundamental em 2024 (Brasil, 2023)

Quanto ao percentual da população brasileira, os índices de alfabetização sobem à 95,0%, mas esses percentuais não se refletem no desenho educacional e social dos sujeitos. E algumas das causas são a não vinculação da leitura e escrita às práticas escolares, por exemplo. Na prática, tal é constatado nas aulas, as turmas observadas, os alunos leem e escrevem de maneira mecânica, não estabelecendo relação entre o que é apresentado nas aulas a seus anseios e práticas sociais.

As estratégias de leitura que façam a relação entre o contexto de vivência dos educandos e os temas abordados na escola se torna essencial. Por questões metodológicas e por escolhas didáticas, o mundo ao redor sempre foi mais interessante do que a escola. E na era tecnológica essa relação se distancia ainda mais quando se pensa no aspecto tradicional das aulas. Isso chama a atenção da proposição de que não é somente vincular as atividades da escola à internet, mas favorecer o letramento ligado ao aprendizado, e ao desenvolvimento pleno das habilidades necessárias para aceso ao aprendizado e aos bens culturais.

Ao entrar na escola, com ou sem o domínio da escrita, a criança já realiza a leitura da realidade que a cerca. É o que Freire (2003, p.12) chama de “leitura de mundo”, que consiste em saber, por exemplo, que o lápis é um objeto feito de madeira e serve para escrever. Essa é a leitura da realidade e de mundo que a criança. Então, esse indivíduo já está inserido no letramento na sua comunidade, e a escola não deve esquecer desse conhecimento, mas aliá-lo às práticas educativas formais.

Todos os indivíduos estão sempre em contato com a leitura e as escritas em seu cotidiano: ao ver televisão, imagens de propaganda, placa de comércio, anúncios, avisos, cartazes, e ao chegar na escola muito disso as vezes desconsiderado. Numa das atividades observadas, a professora leu um texto com os alunos e depois respondeu as questões, mas em nenhum momento foram consideradas as respostas que divergiram das que estavam no livro didático. As respostas incorretas foram rechaçadas, mas não se questionou o motivo do erro, e isso é importante porque no erro é que se aprende. Em relação à interpretacao de texto nem sempre uma pergunta que diverge da resposta do manual didático é incorreta, e o letramento



relação isso ao destacar a importância da subjetividade na aprendizagem, e os aspectos cognitivos de interpretaca9 textual.

Serra (2004) ao relacionar a realidade das aulas de língua materna diz que as aulas por vezes se reduzem a:

> Identificar letras e palavras em pequenos textos, informativos e ficcionais, na maioria sem sentido para a vida dos alunos [...] O currículo, em geral está desprovido de oportunidades de leituras variadas que possibilitem desenvolver o exercício intelectual, que promovam perguntas, relacionem fatos, e agucem a curiosidade (Serra, 2004, p.72).

Entende-se que a escola é o lugar adequado para o desenvolvimento do ato de ler. É nela que o educando tem maior acesso ao mundo dos signos escritos. É na escola que o aluno tem acesso à variedade padrão da língua, aos aspectos gramaticais da escrita e da oralidade. E esse domínio é importante e necessário para se ter acesso à instrução formal, no entanto, a questão não é o que a escola já faz, mas o que ela precisa oportunizar que seja feito.

Quando na aula, durante uma atividade de interpretação de texto, o aluno não relaciona essa ação a algo do cotidiano, mas uma vez perde-se a oportunidade de fazer da aula um ambiente atrativo e interessante, um ambiente que desperte a curiosidade para a leitura.

Os gêneros textuais-discursivos ganharam muito espaço nos livros didáticos, principalmente com a recomendação contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e agora na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Mas na prática esse contato com muitos gêneros também não garante adesão dos alunos às leituras escolares. Observou-se nas turmas que quando a professora pedia que os alunos trouxessem textos à sua escolha, ou os criassem livremente, ou ainda parodiassem canções, a aceitação da leitura era maior, pois isso faz com que o aluno se sinta parte desse processo e não somente seja receptor de instruções nas aulas.

Diante disso se observa que ainda é preciso superar algumas noções de leitura na escola. Segundo Cagliari (2010) para propiciar a leitura, deve-se observar que o ato de ler é muito complexo. É um processo lento e gradual que requer tempo e, o professor deve ser um medidor e incentivador nesse processo. Então, uma estratégia útil no processo de leitura é possibilitar que se leia nas aulas textos relacionados às escolhas dos alunos.

O professor como mediador no letramento precisa incentivar e mediar a leitura e a escrita para que o aluno possa compreender desde os anos iniciais de escolarização a necessidade de adquirir e uso eficiente dessas habilidades. A fim de estimular a participação

ativa dos alunos no ato de ler, cabe ao professor diversificar suas aulas e transformar a sala de aula, assim como a escola, em um ambiente que estimula sua participação (Piletti, 2003).

Na rotina da sala de aula, em horários que não tinham atividades, verificou-se que os alunos ficavam absortos nas leituras hipertextuais em seus aparelhos eletrônicos. Vê-se então que o educando lê, as vezes lê muito e durante muito tempo, mas o problema dessa leitura está em sua qualidade e relevância para o letramento escolar, chegando-se a um impasse de como se relacionar as leituras feitas no mundo virtual com a necessidade de leitura dos temas escolares. Um dos possíveis caminhos seria a alternância dessas leituras, entendendo-se a relevância da leitura para aprender o novo, adquiri novas informações, e nisso se da a construção do conhecimento.

Para Martins (2005) a leitura tem que ser apresentada como o estabelecimento de relações e experiências, como o lugar de resolver impasses e de se chegar à solução de indagações a partir das situações impostas pela realidade sendo que essas situações fazem com que o individuo organize o conhecimento e saiba interpretar as situações vividas.

Assim, ler e escrever no letramento é interagir para entender e modificar as relações sociais, por isso uma estratégia de leitura que motive a participação dos alunos é relevante para que o individuo adquira fluência. E isso se dá não apenas na diversidade de textos, mas também nas escolhas e abordagens temáticas, destarte uma ação pedagógica voltado ao letramento estabelece que a prática da escrita e importante, mas a valorização dos usos e funções sociais da língua escrita não põe em um nível inferior o código falado (Costa Val, 2006)

Pode-se relacionar a leitura com o que afirma Bakhtin (1997) sobre a palavra. O autor diz que a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou de situações vividas. A leitura e interpretação de texto se organiza e se estrutura a partir das experiências do indivíduo, de suas impressões do mundo concebidas através da corporeidade.

Toda palavra e todo discurso são ideológicos (Bakthin,1997) e por isso há a premência de se refletir sobre a circulação dos textos no espaço escolar. Uma estratégia de leitura que questione o porquê e para quê um determinado texto foi escolhido e não outro, por exemplo, pode despertar a curiosidade, o interesse em se conhecer mais sobre a história em volta de determinado texto lido. Os discursos que o texto carrega, os implícitos, as entrelinhas, tudo isso é importante de ser suscitado no processo de leitura.

CONCLUSÃO

Pensar em estratégias de leituras que se liguem ao saber produtivo vai além do ato de decodificação da palavra escrita. E quando se pensa em leitura a escrita a partir das concepções de letramento prescruta-se as estratégias de leitura na escola relacionadas à prática social do educando. Daí o destaque para a escolha de textos e de gêneros textuais-discursivos, para o currículo formal e oculto, e para as possibilidades de conectar as experimentações cotidianas da escola e de outros ambientes de interação.

Sabe-se o complexo processo de apropriação do sistema ortográfico, dos mecanismos e leitura e de escrita, todavia, essa complexidade se amplia não pelo aspecto teórico em si, mas pela estruturação do sistema escolar que não viabiliza meios a integração entre leitura, escrita e interpretação de textos. Muitas vezes essas habilidades são concebidas como diversas e praticadas separadamente, de maneira mecânica, sem reflexão, e descontextualizada.

Nas estratégias de leitura eficazes destaca-se as práticas situadas, intencionais de intepretação e releitura para que o letramento se estabelece como uma prática de linguagem na ordem social, visto que, as pessoas consigam ler não só a palavra, mas o mundo, num processo autopoiético.

Nas turmas que fizeram parte dessa pesquisa viu-se a urgência de leituras problematizadoras, que deem espaço às variedades linguísticas, às interpretações dos alunos, às manifestações culturais na fala e na escrita. Quando isso ocorre a escola cumpre o seu papel de não relacionar a aprendizagem a concepções preconceituosas que apregoam níveis de cultura melhores ou piores (Gee, 2008), tudo é valorizado e tudo tem seu espaço nas propostas de ensino-aprendizagem que favoreçam a cidadania e emancipação do saber.

Os usos de estratégias de leitura para além do que indica os manuais didáticos favorecem o letramento como prática engajada nas transformações sociais e na aquisição da instrução formal. O uso consciente da leitura a escrita não é abandonar as regras gramaticais ou deixar em segundo plano os saberes de instrução formal, no entanto, esse uso se lia a objetivos claros de interação e à prática cotidiana em outros eventos de letramento.

Enquanto a escola impor estratégias de leitura e escrita impostas por um modelo cultural e social de dominação, o fracasso escolar vai continuar sendo apontado nos índices educacionais. É fundamental entender-se que o que se aprende dentro e fora da escola, se valorizado, se posto em evidência, terá o mesmo impacto no desenvolvimento das habilidades requeridas pela escola.

As propostas de letramento escolar favorecem o debate sobre os processos de escolarização, de aquisição da leitura e escrita, e sobre a proposição de valorização do saber marginalizado. Mas para que essas ideias possam ressoar na escola tem-se que quebrar paradigmas, questionar-se o currículo e a política de educação escolarizada desde o primeiro contato do indivíduo com as letras na escola, desde a primeira leitura de uma palavra ou escrita de grafema. As estratégias de leitura e escrita para que o aluno tenha acesso de maneira plena ao conhecimento e à valorização de suas vivências tem que serem estabelecidas desde o início da vida escolar para que o educando possa se desenvolver dando sentido à aprendizagem para uma formação plena e cidadã.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo. Matins Fontes, 1997.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – LDB nº9394/96. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Básica 2022*: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023. Dispoivel em: download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022.pdf. Acesso em: 20/10/2023.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2010.

COSTA VAL. Maria da Graça. O que é ser alfabetizado e letrado. In: *Práticas de leitura e escrita.* CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

FOLEY, William A. *Anthropological linguistics: an introduction*. New York: Basil Blackwell, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Ática, 2003.

GEE, Jean. P. *Social linguistics and literacies*. London: Falmer Press, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 6. ed. São Paulo. Martisn Fontes. 1999.

KLEIMAN, Angela, B. Modelos de letramento as práticas de alfabetização na escola. In: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.* (Org). Campinas: São Paulo, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

PILETTI, Claudino (org). *Didática especial*. São Paulo: Ática, 2003.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*: teorias e abordagens. 2. ed, Porto Alegre: Bookman, 2006.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. *Políticas de promoção da leitura. In: Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. (Org) RIBEIRO, Masagão Vera. 2. ed. São Paulo: Global, 2004

SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.) *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. v.1 Coimbra, Almedina, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. (Org) RIBEIRO, Masagão Vera. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

STREET, Brian, *Social literacies: critical approaches to literacy in development: ethnographic perspectives*. Londres & New York: Longman, 1995.

STUBBS, Michael. David Barton, Literacy: An introduction to the ecology of written language. Oxford: Blackwell, 1994 Pp. x, 247. Hb£ 40.00, 21.95. *Language in Society*, v. 24, n. 4, p. 595-598, 1995

TFOUNI. Leda Verdiani. Perspectivas históricas e a-históricas do Letramento. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 26: Psicolinguística. Scarpa. Ester Miriam (Org.) Campinas. SP: UNICAMP, 1994.

TFOUNI. Leda Verdiani. Letramento — mosaico multifacetado. (Org). In: *Letramento, escrita e leitura*. Campinas- SP. Mercado das Letras, 2010.


I ConFatecie
Transcendendo fronteiras disciplinares:
juntos pela inovação e impacto social
06 A 10 NOV
19:30H
CENTRO DE EVENTOS PARANAVAÍ,PR
UniFatecie
CENTRO UNIVERSITÁRIO